ISSN 2176-9060

OBJETOS EDUCACIONAIS DIGITAIS NO ENSINO DE HISTÓRIA: INVESTIGANDO O USO DE NOVAS TECNOLOGIAS ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO

Eliud Falcão Correa Lima Junior
Mestrando em História pela UFRPE
eliud_falcao@hotmail.com

RESUMO

A perspectiva de ensino conhecido como tradicional, centrado na figura do professor, tem se mostrado ineficaz para atender as demandas da sociedade multicultural e multi-identitária contemporânea. Os marcos normativos da educação do país e as novas perspectivas pedagógicas do Ensino de História convergem na ideia de que devemos utilizar elementos da vivência pessoal dos alunos no processo de construção de conhecimento, com o intuito de torná-lo mais convidativo aos discentes. O Estado também tenta se adequar a este novo contexto por intermédio de políticas públicas, como por exemplo a distribuição de *tablets* para os alunos de escolas públicas estaduais e municipais do Recife. Nesse sentido, o presente trabalho pretende analisar nos marcos legais da educação brasileira e na bibliografia pedagógica sobre o uso de Objetos Educacionais Digitais em sala de aula como ambas as documentações indicam a utilização da tecnologia em sala de aula, com o objetivo de colaborar com um debate que ainda é incipente em nosso país.
PALAVRAS CHAVE: ENSINO; HISTÓRIA; TECNOLOGIA.

INTRODUÇÃO

ISSN 2176-9060

A perspectiva que ficou conhecida como "ensino tradicional", quase sempre pautada em uma metodologia expositva onde o conhecimento é simplesmente transmitido para alunos que se comportam como "páginas em branco", vem se mostrando ineficaz para as demandas educacionais atuais. Na contramão da supracitada concepção pedagógica, Freire (1996, p. 21) nos alerta que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua própria produção ou construção". Ou seja, não faz mais sentido pensar no alunado como um sujeito passivo, um recipiente vazio a espera que o docente despeje o conhecimento. É preciso pensá-lo como participante ativo do processo de ensino e aprendizagem e, consequentemente, pensar em metodologias alternativas para que este sinta-se estimulado a dar a sua contribuição na construção do conhecimento. Nesse contexto, o uso de Objetos Educacionais Digitais surge como uma alternativa convidativa para que este proposta seja alcançada.

Muito disto deve-se ao fato da penetração da tecnologia em nosso cotidiano. Darnton (2010, p. 13) afirma que "Hoje as pessoas sentem o chão se movendo sob os seus pés, tomando o rumo de uma nova era que será determinada por inovações tecnológicas". Tomando por base essa premissa, entendemos que as gerações passadas tem por necessidade se adequar a essa nova era tecnológica, enquanto as mais novas já nascem imersas nessa realidade. Temos mais uma vez em Darnton (2010) acerca da relação da geração atual com a tecnologia:

> Uma geração "nascida digital" está "sempre ligada", conversando por celulares em toda parte, digitando mensagens instantâneas e participando de redes virtuais ou reais. As pessoas mais jovens passam por você na rua, ou sentam ao seu lado no ônibus, ao mesmo tempo estão ali e não estão. (2010, p. 13)

A imersão da tecnologia em nossas vidas é tamanha que do momento em que levantamos até a hora em que vamos dormir lidamos com diversos aparatos tecnológicos dos mais variados sentidos, não sendo

ISSN 2176-9060

exagero dizer que elementos como telefones celulares, computadores pessoais e *tablets*, chegam a ser imprescindíveis em nossas atividades, sejam elas pessoais ou profissionais. Convém ressaltar que tal cenário não é restrito aos adultos, "as crianças da atualidade já nascem mergulhadas nesse mundo tecnológico e seus interesses e padrões de pensamento já fazem parte desse universo" (WEISS; CRUZ, 2001, p. 15), fazendo com que âmbito educacional seja diretamente afetado por este panorama, uma vez que as crianças chegam à sala de aula com uma relação estreita com a tecnologia, uma bagagem pessoal do alunado que não deve ser negligenciada pelo docente no processo de construção de conhecimento. Segundo Maynard e Silva "Os mecanismos que predominam na vivência cotidiana dos jovens devem ser entendidos pelos professores como instrumentos com um potencial pedagógico a ser explorado de forma criativa em sua práxis educacional." (2012, p. 249)

Além disto, o Estado Brasileiro também já começa a se adequar a este novo panorama, seja através de políticas públicas voltadas para esse sentido, como a distribuição de *tablets* e *notebooks* nas escolas estaduais e municipais, ou seja por intermédio dos marcos normativos da educação brasileira que, gradativamente, começam a incluir a discussão sobre a tecnologia na sala de aula. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, de 1996, por exemplo, sugere a implementação de "metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes" (BRASIL, 1996, p.36), tornando assim o uso da tecnologia como elemento bastante viável a ser utilizado dentro da sala de aula por ser algo familiar aos alunos e por conta do seu potencial de contribuição para um ensino de melhor qualidade.

Já os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, de 2000, afirma "A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação" (BRASIL, 2000, p. 5), tocando assim numa outra questão que reforça a importância de se

ISSN 2176-9060

pesquisar a utilização de tecnologia da sala de aula, que é o domínio tecnológico como demanda da sociedade contemporânea.

Além do conteúdo das citações, convém destacar também que as duas documentações aqui mencionadas são de 1996 e 2000, respectivamente. Isso quer dizer que há duas décadas já se fala, em nosso país, na utilização de mecanismos que atraiam o alunado a contrubuir no processo de construção de conhecimento em sala de aula, e, pelo menos, 16 anos que um marco normativo da educação fala especificamente acerca de domínio tecnológico por parte do alunos. Isso significa dizer que temos uma defasagem bastante significativa nos estudos sobre o uso de Objetos Educacionais Digitais em Sala de Aula.

Nesse sentido, observa-se um forte movimento, e aparentemente irreversível, de gradativa imersão da tecnologia dentro do ambiente escolar fazendo com que seja função do docente. Maynard e Lucchesi reforçam essa ideia ao afirmar que:

> Pensar essas ferramentas tecnológicas como novas ferramentas instrucionais é questão de extrema importância para nós, educadores do século XXI, que lidamos diretamente com os "nascidos digitais", ainda nos apoiando em recursos mais tradicionais como o livro didático, a lousa ou o quadro negro. (2013, p. 307)

O que precisamos agora é problematizar a utilização desse mecanismo, transformá-lo em ferramenta efetiva no processo de ensino e aprendizagem. Pensar a utilização desses aparatos em sala de aula, lançando luzes sob a utilização prática deles e analisar o real impacto da tecnologia em sala de aula com o objetivo de conseguir extrair o máximo destes recursos visando um ganho qualitativo e efetivo na aprendizagem. Pretendemos aqui apresentar alguns caminhos e indicações, alicerçados tanto pelos marcos normativos do país quanto pela bibliografia pedagógica sobre o uso de Objetos Educacionais Digitais na educação, e assim contribuir com um debate que ainda se encontra em fase inicial, sobretudo se compararmos com outras temáticas mais consagradas no âmbito do Ensino.

ISSN 2176-9060

APONTAMENTOS E REFLEXÕES

A implementação da tecnologia dentro do processo de construção de conhecimento, de fato, é algo bastante atrativo a primeira vista. Ela tem o potencial de auxiliar e até mesmo facilitar a vida do professor, também é algo que tende a atrair o aluno a prestar a sua contribuição dentro do referido processo, fazendo com que "a aprendizagem se torne mais efetiva e profunda do que a obtida por meios tradicionais" (NASCIMENTO, 2007, p. 135). Freire também rassalta que:

> Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de que e de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação. (2001, p. 98)

Isso implica dizer que, apesar dessa vantagem, tal implantação deve ser pensada com muito cuidado. É preciso, antes de tudo, que o docente tenha pleno domínio tanto do aparato tecnológico que ele pretende utilizar como recurso didático alternativo, quanto do conteúdo digital que ele pretende apresentar uma, vez que isso "exige uma articulação com a vivência e a motivação de alunos e professores, com a bibliografia selecionada, além de demandar uma adequação à temática em estudo" (FONSECA, 2003, p. 180), enquanto Valente (1993, p. 18) afirma que "o educador deve conhecer o que cada ferramenta tecnológica tem a oferecer e como pode ser utilizada em diferentes situações educacionais".

Nessa perspectiva, os cuidados com a introdução da tecnologia dentro da sala de aula devem existir antes mesmo de sua efetivação. É fundamental que o docente tenha em mente que a sua utilização deve estar articulada ao conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, bem como os limites e as possibilidades da sua implementação. O professor hoje chega a lidar com salas de aula com uma quantidade relativamente alta

ISSN 2176-9060

de alunos, cada um com vivências diferentes, realidades distintas e graus de domínio tecnológico também díspares, configurando assim um contexto não deve ser desprezado pelo mesmo ao pensar na integração da tecnologia em sala de aula.

Além disso, o uso de novas tecnologias tem uma característica peculiar que requer ainda mais atenção em sua efetivação. É preciso que o professor tenha em mente que o seu uso deve estar subordinado ao conteúdo e não o contrário. Em relação a isso Maynard e Silva (2012, p. 249) nos alertam que "só há sentido na utilização de novas ferramentas instrucionais se elas forem o suporte para formas superiores de aprendizagem". Nesse interim, entendemos que o uso da tecnologia deve ser balizado pelo conteúdo, deve ir de encontro a este e não o contrário, caso contrário corremos o risco de não tirar proveito de maneira adequada de todo o potencial colaborativo destas ferramentas. Mais além, podemos cair numa armadilha que Cysneiros (1999) chama de "inovação conservadora", que consiste no reforço de hábitos antigos através de mecanismos alternativos e/ou modernos, negligenciando assim de todo o potencial contributivo do mesmo, tornando o uso de tecnologia bastante traiçoeiro. Caso não seja pensada cuidadosamente, ela tem grande capacidade de se transformar em uma dessas "inovações conservadoras" uma vez que tende a ser atrativa para os discentes e facilitar a vida do docente. Ainda nesse viés, os Parâmetros Curriculares Nacionais também ressalvam que "A incorporação das novas tecnologias em sala de aula só tem sentido se contribuir para a melhoria na qualidade do ensino. A presença do aparato tecnológico em sala de aula na sala de aula não garante mudanças na forma de ensinar e aprender" (Brasil, 1999, p. 27).

Diante do exposto, entendemos que o que deve balizar o pensamento do professor na hora de introduzir os aparatos tecnológicos dentro de sala de aula é a ideia de subordinação do mesmo em relação ao conteúdo. Também compreendemos que, apesar da tecnologia ser uma ferramenta poderosa de melhoria na qualidade do ensino, se não for

ISSN 2176-9060

manuseada por um professor que tenha a domine, reconhecendo os seus limites e possibilidades, dificilmente terá algo a acrescentar e pode até vir a ser prejudicial dentro do processo de construção de conhecimento, devendo ser utilizado como mecanismo auxiliar para alcançarmos os objetivos propostos pela disciplina e não como protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

A importância dada ao docente merece também algumas poderações em torno da sua figura, sendo a primeira delas, talvez, a conscientização de que o seu ofício sofreu mudanças se comparado há 10 ou 15 anos, e se modifica de maneira constante. A medida que o tempo passa, lidamos com indivíduos cada vez mais complexos, com diferentes formas de se expressar. Concordamos com Maynard e Silva quando eles afirmam que "cabe à educação se adequar aos códigos culturais utilizados entre as novas gerações." (2012, p. 249) e entendemos que o professor que tem papel fundamental nessa adequação, uma vez que se tratade um dos principais agentes educacionais. Desse modo, acreditamos que antes de tudo o docente deve ter o entendimento de que é importante para a sua função no contexto atual se adequar às novas linguagens utilizadas pelas crianças e jovens, e ai inclusa a tecnológica. É preciso que o professor deixe o conservadorismo que termina ocasionando em receio em utilizar o "novo" em suas atividades de lado e comece a se adequar a esse panorama, sobretudo o docente das gerações passadas.

Outro ponto a ser destacado também é o papel das Universidades, através dos cursos de formação de professores. É preciso que esta também não esteja alheia a essa nova demanda da sociedade e da educação contemporânea, que é o domínio tecnológico. Se faz necessário que os cursos de formação de professores parem de negligenciar esta problemática e comecem a formar profissionais preparados para conseguir manusear essa ferramenta de maneira proveitosa.

Como supracitado, existe um investimento por parte do Estado em políticas públicas voltadas para a implantação de recursos tecnológicos em

ISSN 2176-9060

sala de aula, porém, aliado a esse investimento, devem existir políticas públicas de capacitação para que os professores de gerações anteriores possam se adequar a esses novos mecanismos e, ao mesmo tempo, os cursos de formação de professores incluam em sua grade curricular disciplinas voltadas para esse objetivo, de modo que, gradativamente, passemos a inserir profissionais cada vez mais capacitados no uso da tecnologia como recurso pedagógico alternativo dentro do processo educional e assim passemos a extrair de maneira mais satisfatória o potencial colaborativo desse mecanismo no processo de construção de conhecimento.

Ainda nessa perspectiva, entendemos que se faz necessário que as escolas voltem as suas atenções para esta demanda também. Nas palavras de Macedo (2005, p. 41) "os currículos deveriam introduzir a informática, buscando familiarizar os estudantes com essa nova tecnologia e prepará-los para ingressar em um mercado de trabalho cada vez mais competitivo". Ou seja, a sociedade contemporânea, cada vez mais informatizada e dinâmica cobra ao indíviduo o mínimo de domínio tecnológico em quase todos os campos de atuação sendo, portanto, função tanto da Academia quanto da Escola estar atenta a essa nova exigência da sociedade. É importante que ambas passem a formar tanto indivíduos capazes de dominar essa competência quanto profissionais educacionais capazes de utilizar a tecnologia de modo que esta impulsione o processo de construção de conhecimento e auxilie o docente a alcançar os objetivos propostos por cada disciplina.

Outro ponto a ser ponderado também é o caráter dinâmico que a esfera tecnológica possui. A modernização desse campo acontece praticamente em tempo real. A todo instante temos acesso a novos aparatos tecnológicos cada vez mais complexos. Além disso, as discussões em torno do uso de tecnologia da educação também são recentes. Apesar de pesquisadores do âmbito da educação começarem a voltar os olhares para esta temática, podemos considerar os debates em torno dela em fase

ISSN 2176-9060

inicial. Sobre esse caráter dinâmico e recente do uso de tecnologia da educação Maynard e Lucchesi afirmam, que:

> É preciso que o uso da tecnologia em sala de aula seja constantemente problematizado e repensado, não só por apresentar novas possibilidades pontuais de aprender e ensinar com base nos recursos digitais, mas também por eles trazerem consigo impasses e desafios que ainda carecem de muito debate até serem resolvidos. (2013, p. 312)

Corroborado com os autores, também acreditamos que é atribuição de docente estar constantemente revisitando as suas práticas em torno do uso da tecnologia em sala de aula. Como já falamos anteriormente, hoje um professor trabalha com um perfil de alunos cada vez mais diversificado, com variados graus de intimidade com a tecnologia, o que demanda uma constante reflexão por parte do docente vistando aumentar a eficácia do recurso alternativo a ser utilizado, pensando, também, em como aqueles alunos com mais ou menos intimidade com o aparato em questão se apropriarão do mesmo para produzir conhecimento junto aos seus pares. Além disso, a tecnologia não faz parte do cotidiano de todas as escolas, sua utilização ainda pode ser considerada tímida se tomarmos como parâmetro toda a realidade escolar do país, logo, além dos desafios que ainda carecem de estudos para serem superados, entendemos que ainda há muitos outros por vir também, a medida que a implementação da tecnologia for difundida e que os estudos em torno da temática forem sendo produzidos e consolidados.

Ainda nessa linha de pensamento, Fonseca (2003) nos alerta que:

> Ao incorporar diferentes linguagens no processo de ensino de história, reconhecemos não só a estreita ligação entre os saberes escolares e a vida social, mas também a necessidade de (re)construirmos nosso conceito de ensino e aprendizagem. As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e continua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. (2003, p. 64)

Partindo dessa ideia, entendemos que os estudos em torno da temática abordada neste trabalho devem ter como característica uma

ISSN 2176-9060

constante revisitação, também, com o intuito de tentar utilizar esses aparatos de forma que eles possam garantir, na prática, um ganho qualitativo dentro do processo de construção de conhecimento. E durante esse revisionismo, é importante que tenhamos alguns direcionamentos que balizem a nossa reflexão, como por exemplo o pensamento de ter a tecnologia sempre subordinada ao processo de ensino e aprendizagem. Pinsky e Pinsky (2012) chamam a atenção para o fato de que:

> O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal, que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de história adequada aos novos tempos (e alunos): rica de conteúdo, socialmente responsável e sem ingenuidade e nostalgia. (2012, p. 19)

Por mais prazeroso e convidativo que a mesma seja para professores e alunos, além das exigências do mercado de trabalho contemporâneo, que coloca o domínio da tecnologia como requisito básico para a admissão na grande maioria das atribuições, não podemos deixar de ter em mente que as disiciplinas possuem conteúdos a serem absorvidos e, sobretudo, objetivos a serem alcançados. E são esses os elementos que devem nortear a tanto utilização da tecnologia dentro do processo de construção de conhecimento quanto a problematização e os estudos em torno desse eixo temático, temos que ter em mente que é importante tornar os sujeitos aptos a manipular a tecnologia da forma mais eficiente possível, mas mais importante ainda é torná-la uma ferramenta para a emancipação do indíviduo, auxiliando no desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, de modo que se aproprie da mesma e saiba utilizar as suas benesses em prol da construção de uma sociedade melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISSN 2176-9060

Nos últimos anos a complexidade da nossa sociedade aumentou de maneira bastante acentuada, minorias culturais e étnicas conquistam cada vez mais representatividade e passam a ter seus anseios ouvidos pelas maiorias. Uma sociedade que conta também com uma difusão cada vez mais rápida e ampla da tecnologia. Seguindo essa linha de raciocínio, passa a ser função da educação também contemplar essas novas exigências que emergem nos dias atuais.

Assim, não faz mais sentido pensarmos na sala de aula como era há 10 ou 15 anos atrás. É necessário que nós, docentes, nos adequemos a essa nova realidade, uma vez que inevitavelmente esse dinamismo da sociedade proprorcionado, sobretudo, pelas inovações começa começa a afetar o campo educacional. Pensar a integração dessas inovações tecnológicas à educação é uma problemática extremamente pertinente, uma vez que é algo extremamente difundido entre as crianças e jovens que temos que lidar atualmente, além de possuir um grande potencial colaborativo para a produção de conhecimento, tornando o ambiente escolar mais rico e convidativo.

Convém ressaltar que não é nossa meta elaborar uma "cartilha" sobre o uso da tecnologia em sala de aula, tampouco esgotar a discussão em tão poucas páginas. Nosso objetivo aqui refletir sobre a temática apontar alguns caminhos e sugestões para a utilização da tecnologia na educação, embasados tanto pelos marcos normativos da educação brasileira quanto pela bibliografia pedagógica da referida temática, mais espeficicamente no Ensino de História. Compreendemos que é de fundamental importância que professores passem a se envolver e se familiarizar cada vez mais com esse mecanismo que já começa a se configurar como uma tendência forte para o presente e para o futuro. Mais ainda, é preciso também que estejamos constantemente problematizando a nossa prática de modo a conseguir extrair o máximo dos aparatos tecnológicos visando construir um ambiente de aprendizagem cada vez mais positivo. Não queremos transformar a

ISSN 2176-9060

tecnologia em tábua de salvação para a educação do país, mas acreditamos que ela pode contribuir para uma melhoria bastante significativa não apenas da realidade do Ensino de História, mas também da educação num sentido mais amplo.

Também não podemos nos esquecer que se trata de uma temática relativamente recente, além de extremamente dinâmica. Nosso entendimento é que os estudos e a utilização da tecnologia em sala de aula deveriam obedecer a ideia de "pensamento em marcha", e isso implica um constante reflexão sobre o que é produzido. Temos que ter em mente que o conhecimento sobre essa problemática ainda está sendo construido de maneira constante e muito provavelmente, em decorrência do dinamismo e da velocidade com que as inovações emergem na esfera tecnológica, essa situação se prolongará por muito tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** ensino médio. Brasília: MEC, 2000.

CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas Tecnologias na sala de aula:** melhoria do ensino ou inovação conservadora? Informática Educativa, Los Andes, v. 12, n. 1, 1999, p. 11-24. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/doutorado/ptic/textos/articles-106213_archivo.pdf Acesso em: 19 de agoto de 2016

DARNTON, Robert. **A questão dos livros:** passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

ISSN 2176-9060

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura)

MACEDO, Elizabeth Fernandes de. Novas Tecnologias e Currículo. In: MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (Org.). **Currículo:** questões atuais. Campinas: Papirus, 2005

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; LUCCHESI, Anita. E-Storia. **Revista História** Hoje. V.2, nº 4, p. 307-312. 2013 [on-line]. Disponível em: http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/issue/view/RHHJ%2C%20v.%202%2C%20n.%204/showToc Acesso em: 24 de maio de 2015

MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SILVA, Marcos. E-Storia. **Revista História Hoje**. V.1, nº 2, p. 249-252. 2012 [on-line]. Disponível em: <http://rhhj.anpuh.org/ojs/index.php/RHHJ/issue/view/RHHJ%2C%20v1%2C%20n2/showToc> Acesso em: 18 de maio de 2015

NASCIMENTO, Anna Cristina Aun de Azevedo. "Objetos de Aprendizagem: a distância entre a promessa e a realidade". In: PRATA, Carmem Lúcia; NASCIMENTO, Anna Cristina Aun de Azevedo. **Objetos de Aprendizagem:** uma proposta de recurso pedagógico – Brasília: MEC, SEED, 2007, p.135-145.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. Por Uma História Prazerosa e Consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula**: Conceitos, Práticas e Propostas. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2012

WEISS, Alba Maria Leme; CRUZ, Maria. Lúcia. R. M. **Informática e os problemas escolares de aprendizagem.** Rio de Janeiro: DP&A editora, 3ª ed., 2001.